

ESTADO DE SÃO PAULO

"De onde menos se espera... é que não sai nada mesmo."
Leis da Antiadministração

JOÃO MELLÃO NETO

Entre resmungos e lamúrias, o Brasil, finalmente, pelas mãos pacientes do ministro Marcílio, vai se internar no "spa" do FMI. Lá adquirirá hábitos saudáveis, embora quase sempre desagradáveis. Espera-se, desta vez, que a carta de intenções entregue pelo governo àquele organismo seja mais séria do que as escritas por Cabral a Zélia.

O País está demasiado obeso, com os músculos flácidos, e a celulite inflacionária impede que use biquíni este verão. Também, pudera! Nos últimos cinco anos, como lembra a revista inglesa *The Economist*, tivemos aqui dez ministros da economia, dez presidentes do Banco Central, cinco choques econômicos e quatro moedas. Em outras palavras, durante meia década, quanto mais gordos nos tornávamos, maior propensão tivemos para adotar aqueles regimes mágicos que aparecem em revistas femininas: "Emagreça sem parar de comer", "Perca dez quilos em uma semana", "Mantenha a silhueta, sem ginástica nem dieta." Nunca funcionou. A alegria causada pela execução do regime sempre terminava na hora da verdade da balança. Por vezes decidimos travar o seu ponteiro. Outras vezes aplicamos ao seu painel um "deflator". De nada adiantou. Agora, com muitos quilos a mais, teremos de enfrentar a dieta com sacrifícios muito maiores.

O presidente Collor já emagreceu por conta. Ninguém sabe o motivo, mas este provavelmente está ligado à depressão psicológica de que foi acometido quando percebeu que seus exercícios de caratê político de nada adiantavam quando o inimigo era complexo e ardiloso como a inflação. Ele caiu na real, como se diz na gíria.

Não há por que criticar o presidente quando ele acena com um quadro pouco alvissareiro para o



futuro próximo. Errado ele estava — e comentamos isso várias vezes neste espaço — quando fazia bravatas com relação à conjuntura, acionava sua metralhadora giratória contra tudo e todos e adotava a postura e a auto-suficiência juvenil do "deixa comigo!". Essa síndrome de piloto Garcez é que o levou a, contra todas as evidências, preterir o regime e a ginástica em prol da lipoaspiração do Collor 1. Erodiu, com isso, a sua então imensa popularidade e, agora, há de levar ovos e tomates por um bom tempo até que sua política corretiva venha a surtir efeitos. No início ainda anunciaava a luz no fim do túnel para 93. Agora, por prudência, prefere acenar com um feliz 1994. Está politicamente correto. Se os resultados surgirem antes, ele poderá colher seus frutos com maior credibilidade. A função de um governante não é a de injetar no corpo da nação cocaína, mas, sim, vitamina. A segunda revigora, a primeira só euforiza.

Não faltarão críticos à atual política. Regime de emagrecer é assim mesmo: perde-se a paciência antes de se perder o peso. Mas o ajuste, doa a quem doer, tem de ser feito. As contas do governo têm de ser equacionadas, e isso, na prática, significa mais tributos e menos gastos públicos. O dinheiro tem de continuar curto e os juros, altos, para desaquecer a demanda e desestimular a formação de estoques. E tudo isso, na prática, significa recessão, baixos salários e desemprego.

Não me incomoda o fato de remar contra a maré. Quando todos aplaudiam o Plano Cruzado e o Plano Collor, eu, aqui, demonstrava antecipadamente todo o meu ceticismo. Hoje todos condenam a política recessiva e sou o primeiro a defendê-la. Não é sadismo, apenas realismo. Quem tiver críticas a fazer que apresente uma alternativa. E, por favor, sem propostas mirabolantes e heterodoxas. Já pagamos alto preço por elas. Nenhum caminho de flores conduz à glória. Os atalhos, a História demonstra, nunca levam ao destino, mas ao abismo. É pena que Collor não o tenha percebido antes. Isso nos pouparia de maiores sacrifícios, agora.